



Integra: Pequenos negócios faturam mais e multiplicam empregos

Depois dos brasileiros como pessoa física, é a vez de os pequenos empreendedores entrarem na classe média, gerando emprego, renda e lucrando mais. É o espetáculo do crescimento a preços populares, liderado por mulheres, negros, além de pessoas com baixa escolaridade, e ilustrado por pessoas como Maria José de Lima Freitas, que comanda a Mazé Doces Artesanais, em Carmópolis de Minas, na Região Centro-Oeste do estado. De acordo com o presidente do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea) e ministro-chefe interino da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), Marcelo Neri, entre 2003 e 2013, o lucro dos pequenos e microempreendedores do país cresceu 27%. Nesse período, a desigualdade de ganhos no universo dos micro e pequenos negócios caiu 10 pontos percentuais.

De família pobre, quando era menina, seu sonho era ser bailarina do Bolshói. Já adulta, apenas com a quarta série do ensino fundamental, mãe de uma filha de 8 anos e um de seis meses, virou faxineira de um banco, mas foi demitida. Depois disso, ficou um ano tentando arrumar emprego, sem sucesso. Essa é a primeira parte da história da pequena empresária Maria José de Lima Freitas. Um ano depois, em 1999, já sem dinheiro para sustentar a família, comprou leite, amendoim, açúcar e um tacho e preparou doces, que saiu vendendo nas ruas da cidade.

"Fiz um juramento. Disse para mim mesma que eu iria criar o meu próprio emprego e também criaria empregos em Carmópolis de Minas. Eu queria dar para a cidade o que a cidade não me deu", resume. O negócio começou para valer em 2004, com dois funcionários. Hoje já são 22. De lá para cá, o faturamento cresceu mais de 1.000%.

Em 2003, a possibilidade de um pequeno empreendedor cruzar para baixo a linha mediana que retrata a desigualdade dos micro e pequenos negócios num período de 12 meses era de 27,3%. Já a chance de cair era de 26,7%. De 2012 para 2013 as coisas mudaram. E para melhor. A possibilidade de subir é de 35% e a de cair, de 14,2%. "Oportunidade de melhorar nunca foi tão alta e a de piorar é muito baixa", explica Marcelo Neri. Por outro lado, entre 2000 e 2010, a taxa de empreendedorismo no país caiu de 26,3% para 23%.

"O empreendedorismo no Brasil está crescendo em qualidade, mas diminuindo em quantidade e isso é uma boa notícia", acredita Neri. De acordo com ele, o número de empreendedores por necessidade está diminuindo e a participação dos empreendedores por opção ou por oportunidade aumentou. "Diminui a atividade de subsistência e sobe a atividade com potencial de acumulação e crescimento", resume.

João Luiz Maia é proprietário da Vozzuca Cafés Especiais, em Uberlândia. As portas da microempresa foram abertas em julho de 2005, com apenas quatro funcionários. Hoje, além dele, há mais 10 pessoas trabalhando na empresa. "Quando abrimos as portas, foi uma novidade no município. Poucas pessoas conheciam o mercado de cafés especiais e as misturas inovadoras dos cafés com maracujá e chocolate, por exemplo", afirma Maia. No início, a demanda era baixa e ele vendia 30 quilos de café por semana. Hoje, são 120 quilos no mesmo intervalo de tempo. "Nosso maior salário é de R\$ 2.500. Nossos colaboradores ganham acima da média de mercado da concorrência. Depois que abrimos as portas, já são oito disputando o mercado", afirma.

Rubens Barbosa Costa fundou a Blojaf (fabricante de blocos de concreto) em 1995 com quatro funcionários e hoje emprega 200 pessoas. "Depois de 2003, o mercado ganhou políticas de incentivo de projetos. Como empresa do ramo da construção civil, fomos beneficiados com a criação de políticas de financiamento habitacional e de infraestrutura", afirma o empresário. Na Blojaf, os salários vão de R\$ 780 a R\$ 4.500. "Cerca de 20% do nosso quadro de funcionários conta com salários mais qualificados", analisa.

Mudando de classe "O empreendedorismo no Brasil está entrando na classe média", diz Neri. Na avaliação dele, os pequenos empreendedores são fundamentais em várias dimensões. São importantes em termos de política social e têm sido fundamentais na geração de empregos formais. "Nos últimos 10 anos, 95% dos empregos gerados pelos pequenos empreendimentos são formais e isso tem gerado um impacto importante na geração de emprego brasileira", diz o ministro interino da SAE.



Neri lembra que os brasileiros sempre preferiram a carteira de trabalho, porque gostam de segurança. "Ser empreendedor significa ser sócio de um capital de risco, ou seja, tem um risco maior", afirma. De acordo com ele, nos últimos foram criadas oportunidades de emprego formal que não existiam antes e uma parte importante do segmento empreendedor optou por um emprego com carteira, principalmente os de renda mais baixa. "Isso fez com que a concorrência diminuísse, o que é um fator importante". Para ele, quando parte dos microempreendedores se transformaram em trabalhadores com carteira, a concorrência entre os empreendedores foi reduzida. Junto com isso, o mercado cresceu e as oportunidades se ampliaram.